

O DISCURSO DE OUTREM NO COMENTÁRIO DISCENTE: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA¹

Telma Cristina Gomes da Silva (PNPD/UFCG)

Introdução

O objetivo deste artigo é investigar, ancorado nos estudos bakhtinianos, o processo de construção de sentidos de comentários discentes produzidos em e-fóruns/aula de um curso distância de uma IES pública. O trabalho caracteriza-se como um estudo de campo de cunho netnográfico, pois a pesquisadora constitui um membro da comunidade investigada, atuando ora como professora, ora como tutora a distância, até então, interagir apenas como pesquisadora.

Os dados analisados são produto das interações constituídas em uma disciplina voltada para o ensino língua portuguesa no ano de 2010. A amostragem analisada é constituída por 03 (três) enunciados de alunos produzidos como respostas as atividades de linguagem em um e-fórum/aula, no qual foram produzidos 187 (cento e oitenta sete) enunciados entre professores, tutores a distância e alunos. No e-fórum/aula analisado interpreta-se o texto “Diga não as drogas” pelo qual os alunos estudam o conteúdo programático “argumentação na língua”, defendendo seus posicionamentos mediante a interação *professor-aluno*, *aluno-aluno*, *aluno-texto* e *aluno-outros*, *alunos-outros-discursos*.

Como aportes teóricos, adotamos os trabalhos de Bakhtin/Volochínov ([1929]2010), (Bakhtin, [1975] 2010), Sobral (2009), Almeida (2013) entre outros

1. Este trabalho traz resultados de minha pesquisa de doutorado, “**A compreensão responsiva discente em e-fóruns acadêmicos: uma abordagem dialógica**”, defendida no PROLING/UFPB em 2015.

a respeito da teoria bakhtiniana; Paiva e Rodrigues Júnior (2004), Xavier e Santos (2005) sobre o gênero e-fórum; Foucault (1999), Alves Filho e Santos (2013) sobre o gênero comentário.

Didaticamente, este artigo está dividido em três partes: 1) breve apresentação da teoria bakhtiniana, enfocando os conceitos de *interação verbal*, *gênero discursivo* e *discurso de outrem*; 2) análise dos dados através da referida abordagem teórica; 3) e, por fim, algumas considerações do estudo realizado no ensino online.

A concepção de interação verbal de Bakhtin e o Círculo

O conceito de interação verbal bakhtiniano origina-se no discurso interior (individual) e se amplia no discurso exterior (social), sendo o sentido de um enunciado constituído dentro do processo dialógico entre o “eu” e o “outro”. Bakhtin e o Círculo entendem a língua(gem) como um fenômeno que envolve duas faces: o conteúdo (interior) e a materialização (exterior), uma vez que, ela é construída e determinada do interior do sujeito e materializada para outros sujeitos através de uma forma linguística. Por essa perspectiva, esses estudiosos elegeram o **dialogismo** como o fundamento da constituição do conhecimento e da dupla natureza da língua(gem) em virtude de não somente propiciar a expressão do pensamento, mas também sua organização visto que essa é traçada por meio do ato enunciativo.

Essa noção de interação é mensurada por aspectos individuais, sociais e históricos. Isso significa que ela se realiza por meio de uma atividade discursiva direcionada a alguém, utilizando certas formas discursivas em um determinado contexto sócio-histórico, por consequência, as escolhas lexicais do enunciativo não são aleatórias, mas sim resultantes das condições de produção de seus discursos. Esses aspectos são responsáveis por organizar o discurso pela interdiscursividade e também pelas relações dialógicas entre o “eu” e o “outro” (SOBRAL, 2009).

Ademais, Bakhtin/Volochínov ([1929]2010) afirmam que o interlocutor ideal deve respeitar as fronteiras entre o social e o histórico – o momento da enunciação – para atribuir sentidos a palavra e/ou discurso. Almeida (2013,

p. 34) acrescenta que “o processo de construção do sentido envolve, além da produção/ recepção, o olhar do leitor”, uma vez que, o ato de ler/escrever é determinado pelas relações dialógicas constituídas pelo enunciador/leitor/escrevente dentro de sua(s) comunidade(s) discursiva(s). Essa visão remete-nos as marcas da subjetividade e da coletividade dos discursos que revelam as particularidades dos enunciados.

Considerando tais noções, deduzimos que o conhecimento se constitui através das interações sociais, assim sendo a natureza social da linguagem constrói o sujeito e sua língua(gem). Por essa ideia, Bakhtin/Volochínov ([1929]2010) defendem que a língua(gem) humana evolui a partir de um processo de interação verbal, conseqüentemente, o estudo da(s) língua(s) deve considerar as condições de produção dos discursos.

Apresentada a concepção de interação verbal bakhtiniana, é oportuno explicitarmos, a seguir, a noção de gêneros discursivos e/ou digital, visto que trabalhamos com o e-fórum acadêmico e o comentário online.

Os gêneros discursivos/digitais: e-fórum e comentário online

Definimos o **e-fórum** como um gênero discursivo do espaço virtual e/ou digital. Segundo Bakhtin e o Círculo, os gêneros são “*tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso*” (BAKHTIN, [1979]2011, p. 262, grifo do autor). Para os estudiosos citados, essas formas discursivas alteram-se conforme as esferas sociais, nas quais são utilizados. Por exemplo, o fórum eletrônico ou e-fórum quando inserido na esfera acadêmica virtual assume outras características sendo, às vezes, um gênero intercalado à aula virtual, ou ainda a própria aula, logo, ele tanto pode ser um recurso pedagógico, quanto à aula como um todo discursivo.

Quanto aos gêneros intercalados, Bakhtin ([1975]2010b, p. 124) afirma que são as “formas mais importantes e substanciais de introdução e organização do plurilinguismo no romance”. Essa forma discursiva admite a inserção de outros gêneros discursivos em sua composição, logo, qualquer outra forma discursiva pode ser introduzida nele. Igualmente, acontece com a aula virtual pela inserção de outros gêneros a exemplo do e-fórum que a atribui características peculiares.

Por exemplo, Paiva e Rodrigues Júnior (2004) destacam que a origem do termo “fórum” significa lugar de reunião, sendo a oralidade uma de suas principais características. Essa característica é transportada dos fóruns presenciais, sendo a escrita do e-fórum marcada por propriedades da oralidade. Uma vez que, esse gênero transporta os traços linguísticos do uso convencional para o ambiente virtual.

Essa visão é enfatizada por Xavier e Santos (2005) para quem o “e-fórum” é uma reedição do “fórum convencional”. Entretanto, o e-fórum é mais sofisticado pelas inovações tecnológicas, abrangência espacial e participação irrestrita em torno de questões de interesse pessoais, profissionais, ou ainda, sociais. Pois, esse gênero tanto pode ser encontrado em redes sociais, jornais eletrônicos, revistas digitais, AVA²s, etc.

Esses mesmos pesquisadores apontam outra característica do e-fórum que diz respeito à maneira como os participantes interagem nesse espaço de discussão para constituir seus comentários online. Esses sujeitos seguem o princípio da relevância dos temas, ou seja, eles tentam não fugir das temáticas propostas nos tópicos abertos pelo mediador (professor e/ou tutor). Observamos essa característica durante a realização da pesquisada, quando a professora abriu um tópico de discussão em e-fórum, motivando o debate entre seus alunos para a construção de sentidos dos textos.

Essa característica remete-nos, segundo Paiva e Rodrigues Júnior (2004), para o dialogismo bakhtiniano cujo princípio norteador é “que os enunciados produzidos pelos interlocutores respondem a enunciados anteriores, direcionados a um público específico, o que vai de encontro à noção de ocorrência isolada de produções discursivas” (PAIVA; RODRIGUES JÚNIOR, 2004, p. 171-172). Assim, esse gênero favorece a interação verbal entre seus participantes, propiciando a reflexão daquilo que é discutido, bem como a (re)elaboração de seu(s) comentário(s) de maneira crítico-reflexiva.

Quanto ao gênero comentário, Foucault (1999, p. 25) declara que essa forma discursiva possui como papel expor “o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro”. Logo, esse comenta o outro texto, sendo, portanto, o discurso

do comentador produzido em função de outro discurso responsável por ordenar aquilo que pode ou não ser dito. Com base nisso, os discursos que circulam em uma comunidade discursiva se organizam a partir de um discurso maior produzido por uma autoridade como, por exemplo, o discurso religioso, o discurso político, o discurso jurídico, etc.

O discurso por autoridade é responsável por atribuir poder ao falante, bem como determinar aquilo que o comentador pode expressar do que lê. Por essa óptica, o discurso comentado estabelece a ordem do discurso, restringindo aquilo que o sujeito leitor pode afirmar ou negar em seu comentário. Trazendo essa ideia para o estudo do texto em sala de aula, podemos afirmar que um aluno não pode, ou não deve realizar comentários que fujam da temática do texto norteador da discussão.

Na aula virtual, o comentário discente é norteado também pelas interações realizadas pelo aluno com suas vivências, assim como enfatiza Paulo Freire ([1992]2011) quando trata da importância do(s) conhecimento(s) prévio(s) e da(s) experiência(s) do sujeito para atribuir significados a palavra e o mundo. Essa ideia reporta-nos mais uma vez para Bakhtin em razão desse estudioso defender que o sujeito “eu” se constitui dentro de um processo de interação verbal com o sujeito “outro”.

É indispensável apresentarmos uma noção de comentário online, tendo em vista que trabalhamos com um AVA. Alves Filho & Santos (2013, p. 63) definem esse gênero digital,

como outros gêneros do meio impresso (a exemplo da carta do leitor), atende à necessidade social de manifestação da opinião na esfera jornalística além de responder a um posicionamento cultural da mídia que visa incendiar a participação responsiva de todos os leitores por meio da opinião destes sobre as notícias veiculadas. Não se trata de um gênero complementar nascido no meio digital, embora o meio digital tenha possibilitado um uso mais intenso e frequente.

Esse gênero discursivo surge em resposta a um fato noticiado, e também a outros comentários em torno do acontecimento discursivo. Ele se constitui, então, como uma réplica, ou uma tréplica de diálogo realizada num ciberespaço a exemplo dos portais de notícias, bem como das aulas virtuais. Nas aulas, os co-

mentários compõem os e-fóruns, chats, etc., trazendo um posicionamento dos comentadores da temática em discussão.

Trataremos, a seguir, sobre o conceito de *discurso de outrem* a partir de Bakhtin e o Círculo, pois, essa noção fundamental para a análise dos comentários discentes.

O discurso de outrem e o processo de construção do texto

Bakhtin e o Círculo afirmam que os discursos tanto precedem, como antecedem o enunciado do sujeito, pois todo discurso constitui uma orientação para o discurso do outro (BAKHTIN, [1975]2010). Por essa óptica, os enunciados são constituídos através da interação com os pontos de vistas e as apreciações de outros sujeitos. Tal interação entre discursos é bastante recorrente no contexto acadêmico, em especial, em e-fóruns de discussão, nos quais observamos, nitidamente, a inter-relação entre a voz do “eu” e a voz do “outro”.

Essa interação entre discursos realiza-se em uma cadeia comunicativa, na qual todo e qualquer enunciado esperam por uma resposta – a compreensão responsiva do outro/interlocutor. Bakhtin/ Volochínov ([1929] 2010, p. 150, grifos dos autores) caracterizam o **discurso de outrem** como “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Nessa óptica, o discurso de outrem é integrante da enunciação citada. Ele compõe a unicidade temática dela, acrescentando sua própria temática.

Essa autonomia é compreendida pelo interlocutor do discurso como a enunciação de outro sujeito do discurso, ou seja, uma voz independente transportada de outro momento enunciativo. Pois, essa forma discursiva mantém estável tanto seu conteúdo, como sua estrutura enunciativa estabelecendo uma inter-relação entre enunciações distintas no que diz respeito à construção da língua (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, [1929] 2010).

Quanto à apropriação do discurso de outro, Faraco (2009) afirma que o **processo de referenciação** – o ato de recorrer ao discurso do outro – acarreta duas operações simultâneas: o **reflexo** e a **refração**. O autor define o **reflexo** como a função que os signos exercem de representar, retratar, repetir, etc. o

mundo, no qual são (re)produzidos; enquanto a **refração** consiste no modo como se demarcam nos signos a diversidade e as oposições das experiências dos grupos sociais. Logo, as significações não são estanques, pois, originam-se em um processo dinâmico, social e histórico, no qual os signos dialogam “uns” com os “outros”, demarcando a heterogeneidade das experiências, valores, crenças, interesses dos sujeitos.

Outro conceito importante dentro do pensamento bakhtiniano é a **compreensão responsiva**, pois essa implica em uma reação ao discurso do outro, e, portanto, uma ligação entre a expressão do enunciador, o objeto de discussão e a resposta do interlocutor (BAKHTIN, [1975]2010). A compreensão responsiva é determinada pelo entendimento que um grupo social possui de um objeto de discurso, sendo o discurso do sujeito construído através das inter-relações constituídas com uma coletividade. Em suma, o discurso do enunciador é orientado pelo horizonte do outro e também para o outro.

Ademais, o processo de construção de um texto não abrange apenas a produção e a recepção do discurso, mas também a interpretação do tema pelo outro sujeito discurso (ALMEIDA, 2013). Nesse enfoque, o falante/leitor/escrevente é concebido como um sujeito responsivo ativo já que a compressão do texto implica em uma tomada de posição, uma atitude responsiva, uma resposta ativa do interlocutor do discurso, logo, compreender consiste em orientar uma apreciação para o discurso do outro. Dito de outro modo, o “eu” constrói seu discurso baseado no “nós” (VOLOSHINOV, [1926] 1976). Diante disso, o discurso de outrem é um fenômeno produtivo para entendemos como o “eu” se apropria da voz do “outro” para o processo de construção dos textos.

Na próxima seção, analisamos os comentários discentes constituídos a partir das interações realizadas em um e-fórum/aula voltado para o ensino de língua portuguesa em um curso a distância de uma IES paraibana à luz da abordagem dialógica.

As marcas da enunciação no/do comentário discente em um e-fórum acadêmico

Analisamos uma amostragem com três enunciados de um e-fórum/aula, no qual observamos as marcas linguístico-discursivas que caracterizam a presença do discurso de outrem nos comentários discentes, mostrando o papel das interações para a construção do sentido do texto. O e-fórum analisado discute o texto “Diga não as drogas” de Luis Fernando Veríssimo³. Inicialmente, observamos a orientação da professora:

ATIVIDADE

Após a leitura do texto “*Diga não as drogas*”, de Luiz F. Veríssimo, exponha seu posicionamento contra ou a favor o autor do texto.

Vamos lá!! Defenda o seu ponto de vista e também comente o posicionamento do(s) colega(s)!! Lembre-se que este é um espaço para o diálogo a partir da leitura do texto, logo, não fuja do tema!

Quem começa!? 😊 (grifo do enunciador)

Fonte: Dados coletados no AVA Moodle

Esse enunciado da professora traz as orientações direcionadas aos alunos. Basicamente, temos a indicação de leitura do texto e o que deve ser realizado pelos alunos. E, por fim, a professora orienta seus alunos a não fugirem do tema em discussão, no caso, “a droga cultural” temática principal do texto.

A orientação da professora influencia, indiretamente, a construção sintática dos comentários dos alunos, uma vez que há uma exigência de que a interação “aluno-aluno” aconteça, conseqüentemente, aparecerão nos discursos dos alunos marcas discursivas direcionadas para o “outro”, no caso, o outro aluno participante da aula.

Analisamos, a seguir, os comentários produzidos como réplicas dos alunos à atividade requerida pela professora. Vejamos o exemplo 01:

3. Ver Anexo A.

EXEMPLO 01

Vivemos no mundo, onde estamos sujeitos a passarmos por consequência **a exemplo do texto**, basta, claro termos contato com pessoas que pratique, é chegado o momento em que alguém oferece o errado, e traz a violência, consequentemente a morte.

O texto mostra o gosto de tipo de música que o usuário de drogas tem, fazendo com que o mesmo passe a gostar de músicas terríveis, sem significado algum. Percebi que o **texto relata um exemplo de mais uma pessoa submetida ao que dizem**: experimenta, e acaba tornando-se dependente.

Pois é obrigatório sim, dizer: **Não a droga**. ALUNO/A – POLO (A15 –AULA02/02, grifo nosso).

Nesse enunciado, embora, A15 traga o tema da “droga cultural” e faça uma referência direta ao texto, como mostra o trecho “*O texto mostra o gosto de tipo de música que o usuário de drogas tem, fazendo com que o mesmo passe a gostar de músicas terríveis⁴, sem significado algum*”, esse comentário não somente apresenta problemas em relação à textualidade, como também reproduz o discurso do outro. Uma vez que, o enunciador não aprofunda a temática em discussão, pelo contrário, ele se limita a menciona o texto sem se posicionar, visto que apenas descreve, superficialmente, o que leu repetindo o já-dito. Em outros termos, o enunciador reproduz o que o discurso do outro sem questionar os posicionamentos alheios, ou mesmo, acrescentar algo novo a discussão.

Assim, enunciado de A15 é constituído por meio do discurso direto esvaziado (DDE), pelo qual o enunciador se apropria da voz alheia sem realizar citações diretas, mas sim construindo seu comentário com uma descrição com posicionamentos esvaziados sobre aquilo que estar sendo discutido no e-fórum/ aula. Deduzimos que o aluno interage com o texto e os outros participantes da aula, mas também se limita a reproduzir o discurso do outro (texto e/ou alunos) sem trazer contribuições significativas para a discussão do tema.

O uso da variante **DDE** caracteriza-se como uma forma de apropriação do estilo do outro, no caso, esse outro é o próprio texto, oferecendo uma maneira de se expressar sem confrontos diretos, bem como aparentando uma escrita au-

4. Não realizamos correções de qualquer natureza para a realização da pesquisa, logo, os enunciados podem apresentar problemas gramaticais e textuais.

toral, uma vez que, o enunciador se apropria do já dito. Por outro lado, o enunciado de A16 não se constitui, necessariamente, a partir do texto discutido, mas sim através da interação com o enunciador A13 como mostra o exemplo 02:

EXEMPLO 02

concordo com você A13, á mídia que muitas vezes vem influenciando **nossos** adolescentes, através **das músicas das propagandas**, mas não estão vendo isto. (A16 –AULA02/02, grifos nossos).

Nesse enunciado, A16 emprega também a variante **DDE** para construir seu comentário direcionando-o a A13 com quem concorda sobre a influência da mídia para o consumo de drogas pelos jovens. É interessante observamos que o uso do pronome “nossos” insere A16 no contexto, onde acontece o problema social discutido pelo texto, e também seus interlocutores imediatos – os outros participantes da aula.

Outro aspecto relevante desse enunciado é a alusão e, por sua vez, apreciação crítica do enunciador a influência da mídia em relação às escolhas dos jovens, quando utiliza a expressão “**músicas das propagandas**”, ou seja, o enunciador considera as propagandas veiculadas pelos meios de comunicação como nocivas à sociedade.

Ademais, A16 reproduz o já dito pelos outros enunciadores que o antecedem no processo de interlocução, não acrescentando nova informação a discussão, embora, realize o que foi solicitado pela professora no tópico de discussão do e-fórum. Basicamente, temos aqui mais um enunciado que não aprofunda o tema da aula, limitando-se a concordar com a opinião manifestada por outro(s) enunciador(es).

No geral, consideramos que a opinião de A16 sobre as propagandas serem “um meio de disseminação da cultura de má qualidade no país”, como um fato relevante, contudo, esse enunciador apenas aponta esse tema sem desenvolvê-lo no comentário. Por fim, temos aqui mais um caso de apropriação do estilo do outro pela **DDE**, sendo essa variante favorecedora da reprodução de discursos devido à apropriação direta da voz alheia sem citação do enunciado e/ou discurso do outro.

O último enunciado examinado aqui segue o encadeamento discursivo da aula. No caso, o enunciador produzido por A17, no qual identificamos características semelhantes às encontradas em outros discursos materializados na aula em relação aos gêneros textuais e a argumentação. Vejamos o exemplo 03:

EXEMPLO 03

Na minha concepção, o texto retrata a realidade de muitos dependente químicos. Começa primeiro por um convite, que é aparentemente inofensivo, mas com o passar do tempo se agrava e se torna cada vez mais difícil sair dessa situação. Além da perda do raciocínio e da saúde, o dependente se torna violento e faz de tudo para saciar o seu vício, inclusive até roubar e matar. Por isso é importante não experimentar, pois é o começo de tudo. **Achei o texto muito interessante, pois o vício é comparado com os diversos gêneros musicais como pagode, sertanejo, brega, axé, funk entre outros**. Começa por músicas leves, depois por algo mais pesado e com isso se torna cada vez mais difícil voltar atrás, se torna viciado. **Muitas músicas podem contribui para a aprendizagem dos indivíduos** e é um ótimo meio de motivar os alunos, pois várias músicas aborda a realidade de cada um e influenciam o pensamento. **Outras destroi tudo aquilo que pode ser construtivo na vida**, por isso **é importante ler e ouvir gêneros textuais que contribua para a auto-aprendizagem**.
ALUNO/A – POLO (A17 –AULA02/02, grifos nossos).

Primeiramente, o enunciador A17 expõe sua opinião a respeito do tema, como mostra o trecho *“Na minha concepção, o texto retrata a realidade de muitos dependente químicos. Começa primeiro por um convite”*, descrevendo também o que compreende do texto mediante a comparação entre a “droga química” e a “droga cultural”. A descrição é realizada através do uso da **DDE**, portanto, não identificamos marcas discursivas que demarquem, claramente, o discurso do citado e o discurso do citante, ou seja, A17 atribui um tom apreciativo a voz do outro sem citá-lo, diretamente, em seu comentário.

Esse enunciador interage com as três vozes: 1) a voz desencadeadora da discussão; 2) a voz do texto; 3) e a voz de outro aluno. O enunciador não cite essas vozes, mas as recuperamos por meio do encadeamento discursivo. Diferente dos enunciadores que o antecedem, A17 aprofunda um pouco a discussão, como mostra o excerto *“Muitas músicas podem contribui para a aprendizagem dos indivíduos e é um ótimo meio de motivar os alunos, pois várias músicas aborda a realidade de cada um e influenciam o pensamento”*. Nesse trecho, ele destaca a importância dos ritmos musicais para a formação do aluno no contexto escolar.

Essa afirmação caracteriza a ampliação do tema da aula, já que esse enunciador relaciona o texto à realidade dos professores da educação básica.

Ademais, o enunciador se posiciona em relação à crítica do autor aos ritmos musicais influenciarem os jovens, sendo essa ideia enfatizada na sequência *“Outras destroi tudo aquilo que pode ser construtivo na vida, por isso é importante ler e ouvir gêneros textuais que contribua para a auto-aprendizagem”*, na qual A17 afirma que certos ritmos musicais podem prejudicar a vida dos jovens, bem como a aprendizagem dos alunos. Em suma, A17 amplia a discussão através das relações dialógicas constituídas com outras vozes sociais, concordando com o ponto de vista do autor sobre a influência nociva de certos ritmos musicais a sociedade brasileira.

Quanto à apropriação do estilo, temos mais um caso da **DDE**, mostrando a predominância dessa variante para a construção de sentidos dos comentários dos discentes no e-fórum/aula analisado. Nessa perspectiva, o emprego da **DDE** é entendido aqui como um modelo de discurso favorecedor da transmissão e/ou da apropriação do discurso do outro, bem como a construção de efeitos de sentido para o discurso do enunciador.

5. Algumas Considerações

Os resultados da análise apontam que os comentários analisados são construídos a partir da interação dos alunos com três vozes sociais: 1) a voz da professora desencadeadora da discussão; 2) a voz do texto em discussão; 3) as vozes de outros alunos participantes da aula. Observamos que os alunos elaboram seus comentários baseados no senso comum de que as “drogas são nocivas aos jovens”, sem necessariamente se preocuparem com o tema do texto em discussão, e, conseqüentemente, essa constitui uma das causas do deslocamento temático no e-fórum/aula virtual.

Diante do exposto, este estudo possibilitou entendermos não somente os comentários discentes como réplicas (ou tréplicas) de discursos constituídos por outros discursos como também observarmos os movimentos discursivos de apropriação do discurso de outrem em um ambiente virtual colaborando para a reflexão do processo de construção do conhecimento em sala de aula. Esse processo de interação verbal revela que os alunos se apropriam da voz do outro, sem citá-la, ou

mesmo, questioná-la, sendo, portanto, um dado significativo para os professores em EAD aperfeiçoarem as orientações pedagógicas, ou mesmo, as atividades de linguagem na aula virtual favorecendo a aprendizagem do aluno.

Feitas essas colocações, constatamos que as interações realizadas pelos alunos da/na aula virtual nem, sempre, influenciam, positivamente, a construção de seus enunciados, favorecendo a reprodução de discursos vazios. Nessa dimensão, o mediador pedagógico, seja o professor ou o tutor a distância deve não somente ser mais presente no processo de interlocução da aula, mas também questionar mais seus alunos acerca da temática e dos posicionamentos colocados no e-fórum de discussão a fim de propiciar a aprendizagem efetiva e, conseqüentemente, a compreensão crítico-reflexiva do aluno acerca do objeto de estudo em sala de aula.

Referências

- ALMEIDA, Maria de Fátima. **O desafio de ler e escrever**: experiências com a formação docente.[recurso eletrônico] / Maria de Fátima Almeida. – João Pessoa: Ideia Editora, 2013.
- ALVES FILHO, Francisco; SANTOS, Eliana Pereira. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. **Fórum Linguístico** (Online), Florianópolis, v. 10, p. 78-90, abr./jun. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. (Volochninov). [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. [Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira]. 13ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- _____. [1975] **Questões de Literatura e de Estética** (A Teoria do Romance). [Trad. Aurora Fornono Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade]. 6ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin/ Carlos Alberto Faraco. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Linguagem).
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira; RODRIGUES JÚNIOR, Adail Sebastião. **Fóruns on-line**: intertextualidade e footing na construção do conhecimento. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (orgs.). – Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004, p. 171-189. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/forum.pdf> Acesso em: 10/11/2013.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin/Adail Sobral. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. Série Ideias sobre a Linguagem.

VOLOSHINOV, V. N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica) [1926]. Tradução para o português por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, com base na tradução inglesa de I. R. Titunik. *Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*. In: V. N. Voloshinov, *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.

Anexo A – Texto “Diga não as drogas”

Tudo começou quando eu tinha uns 14 anos e um amigo chegou com aquele papo de “experimenta, depois, quando você quiser, é só parar...” e eu fui na dele. Primeiro ele me ofereceu coisa leve, disse que era de “raiz”, “natural”, da terra”, que não fazia mal, e me deu um inofensivo disco do “Chitãozinho e Xororó” e em seguida um do “Leandro e Leonardo”. Achei legal, coisa bem brasileira; mas a parada foi ficando mais pesada, o consumo cada vez mais freqüente, comecei a chamar todo mundo de “Amigo” e acabei comprando pela primeira vez.

Lembro que cheguei na loja e pedi: - Me dá um CD do Zezé de Camargo e Luciano. Era o princípio de tudo! Logo resolvi experimentar algo diferente e ele me ofereceu um CD de Axé. Ele dizia que era para relaxar; sabe, coisa leve... “Banda Eva”, “Cheiro de Amor”, “Netinho”, etc. Com o tempo, meu amigo foi oferecendo coisas piores: “É o Tchan”, “Companhia do Pagode”, “Asa de Águia” e muito mais. Após o uso contínuo eu já não queria mais saber de coisas leves, eu queria algo mais pesado, mais desafiador, que me fizesse mexer a bunda como eu nunca havia mexido antes, então, meu “amigo” me deu o que eu queria, um Cd do “Harmonia do Samba”.

Minha bunda passou a ser o centro da minha vida, minha razão de existir. Eu pensava por ela, respirava por ela, vivia por ela! Mas, depois de muito tempo de consumo, a droga perde efeito, e você começa a querer cada vez mais, mais, mais... Comecei a freqüentar o submundo e correr atrás das paradas. Foi a partir daí que começou a minha decadência. Fui ao show de encontro dos grupos “Karametade” e “Só pra Contrariar”, e até comprei a Caras que tinha o “Rodrigozinho” na capa.

Quando dei por mim, já estava com o cabelo pintado de loiro, minha mão tinha crescido muito em função do pandeiro, meus polegares já não se mexiam por eu passar o tempo todo fazendo sinais de positivo. Não deu outra: entrei para um grupo de Pagode. Enquanto vários outros viciados cantavam uma “música” que não dizia nada, eu e mais 12 infelizes dançávamos alguns passinhos ensaiados, sorriamos fazíamos sinais combinados. Lembro-me de um dia quando entrei nas lojas Americanas e pedi a coletânea “As Melhores do Molejão”. Foi terrível!!

Eu já não pensava mais!! Meu senso crítico havia sido dissolvido pelas rimas “miseráveis” e letras pouco arrojadas. Meu cérebro estava travado, não pensava em mais nada. Mas a fase negra ainda estava por vir. Cheguei ao fundo do poço, no limiar da condição humana, quando comecei a escutar “Popozudas”, “Bondes”, “Tigrões”, “Motinhas” e “Tapinhas”. Comecei a ter delírios, a dizer coisas sem sentido. Quando saía a noite para as festas pedia tapas na cara e fazia gestos obscenos. Fui cercado por outros drogados, usuários das drogas mais estranhas; uns nobres queriam me mostrar o “caminho das pedras”, outros extremistas preferiam o “caminho dos templos”. Minha fraqueza era tanta que estive próximo de sucumbir aos radicais e ser dominado pela droga mais poderosa do mercado: a droga limpa.

Hoje estou internado em uma clínica. Meus verdadeiros amigos fizeram única coisa que poderiam ter feito por mim. Meu tratamento está sendo muito duro: doses cavalares de Rock, MPB, Progressivo e Blues. Mas o meu médico falou que é possível que tenham que recorrer ao Jazz e até mesmo a Mozart e Bach. Queria aproveitar a oportunidade e aconselhar as pessoas a não se entregarem a esse tipo de droga. Os traficantes só pensam no dinheiro. Eles não se preocupam com a sua saúde, por isso tapam sua visão para as coisas boas e te oferecem drogas.

Se você não reagir, vai acabar drogado: alienado, inculto, manobrável, consumível, descartável e distante; vai perder as referências e definhar mentalmente.

Em vez de encher cabeça com porcaria, pratique esportes e, na dúvida, se não puder distinguir o que é droga ou não, faça o seguinte:

- * Não ligue a TV no domingo à tarde;
- * Não escute nada que venha de Goiânia ou do interior de São Paulo;
- * Não entre em carros com adesivos “Fui.....”;
- * Se te oferecerem um CD, procure saber se o indivíduo foi ao programa da Hebe ou ao Sábado do Gugu;
- * Mulheres gritando histericamente são outro indício;
- * Não compre um CD que tenha mais de 6 pessoas na capa;
- * Não vá a shows em que os suspeitos façam passos ensaiados;
- * Não compre nenhum CD em que a capa tenha nuvens ao fundo;
- * Não compre nenhum CD que tenha vendido mais de um milhão de cópias no Brasil; e
- * Não escute nada em que o autor não consiga uma concordância verbal mínima.

Mas principalmente, duvide de tudo e de todos.

A vida é bela!!!! Eu sei que você consegue!!! Diga não às drogas!!

Luis Fernando Veríssimo

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo observar e discutir características, utilização e possibilidades da Análise do Discurso de linha francesa como uma proposta teórica e metodológica que, além de descompor a crença em uma única acepção, proporciona meios que possibilitem fomentar práticas distintas dos caminhos que existem atualmente nas atividades cristalizadas, como por exemplo reconstruir sentidos que servirão de base para os gestos interpretativos referente ao ensino de língua materna. Para tanto, discutiremos através de exercícios de interpretação textual encontrados em livros didáticos, de que maneira e até que ponto os leitores estão livres das pressões e do discurso das ideologias vigentes. Para efetivar essa proposta, discutiremos os genuínos objetivos do ensino de língua materna, em seguida apresentaremos os dispositivos teóricos e metodológicos da Análise do discurso de corrente francesa, e na sequência a análise do corpus.

Palavras-chave: Leitura, Interpretação, Análise do discurso.